vinetur

Produção de vinho da UE deverá cair 4% em 2026/2027, diz organização agrícola

A Copa-Cogeca afirma que a procura mais fraca, os preços mais baixos e a quebra de 6,8% nas exportações agravam a pressão sobre os produtores

sexta-feira, 13 de novembro de 2026



Os produtores europeus de vinho entram na campanha de 2026/2027 com uma produção mais baixa, uma procura mais fraca e exportações em queda, segundo as estimativas da vindima divulgadas pela Copa-Cogeca na quinta-feira, 12 de novembro, que evidenciam a pressão sobre um dos maiores setores agrícolas da União Europeia.

A organização agrícola afirmou que a produção de vinho e mosto da UE deverá atingir 133,6 milhões de hectolitros na campanha de 2026/2027, menos 4% do que na vindima anterior e cerca de 8% abaixo da média das cinco campanhas anteriores. Os números apontam para uma descida contínua da produção europeia de vinho, enquanto os viticultores enfrentam condições meteorológicas mais instáveis e um mercado em transformação.

Itália, Espanha e França mantiveram-se como os maiores produtores do bloco, representando, em conjunto, cerca de 82% da produção total de vinho e mosto da UE. Segundo a Copa-Cogeca, Itália representou 30% da produção, Espanha 27% e França 25%.

A organização afirmou que a vindima deste ano voltou a evidenciar o impacto crescente das condições meteorológicas adversas nas vinhas de toda a Europa. Os produtores relataram períodos recorrentes de seca, longas ondas de calor, geadas primaveris e tempestades de granizo em muitas regiões, que reduziram os rendimentos e aumentaram a incerteza de uma campanha para a seguinte. A Copa-Cogeca afirmou que a instabilidade climática se tornou uma das principais forças a moldar a viticultura europeia, tornando mais acentuadas as oscilações anuais da produção.

A quebra da produção insere-se também numa tendência mais ampla. A Copa-Cogeca afirmou que a produção anual média de vinho da UE se situou em cerca de 157 milhões de hectolitros entre 2020 e 2025, mas que, de um modo geral, a produção tem vindo a diminuir desde a vindima de 2020/2021. A estimativa mais recente sugere que as vindimas mais reduzidas deixaram de ser um problema de curto prazo em algumas zonas e passaram a fazer parte de um ajustamento mais amplo do setor.

A procura tem seguido a mesma tendência. A Copa-Cogeca estimou o consumo mundial de vinho em 221 milhões de hectolitros, o nível mais baixo em mais de três décadas. Segundo a organização, a um longo período de crescimento, entre 1996 e 2007, seguiu-se uma relativa estabilidade até 2017, ano em que o consumo começou a cair de forma sustentada. Desde 2022, a quebra acelerou tanto na UE como nos principais mercados fora do bloco.

O peso da UE no consumo mundial de vinho também diminuiu. A Copa-Cogeca afirmou que o bloco representava quase 60% do consumo mundial de vinho em 2000, face a cerca de 48% atualmente. A diminuição da procura reduziu os volumes transacionados e os preços ao longo da cadeia de valor, sendo os vinhos tintos e rosés algumas das categorias mais afetadas. Segundo a organização, os vinhos base registaram algumas das quebras mais acentuadas.

Estão a surgir oportunidades em mercados mais recentes, mas a Copa-Cogeca afirmou que os ganhos nesses mercados não foram suficientes para compensar a quebra do consumo em países com uma longa tradição de consumo de vinho. Este desequilíbrio aumenta a pressão sobre viticultores, cooperativas, engarrafadores e exportadores, que já enfrentam custos crescentes.

Para o setor das bebidas em geral, a combinação de uma produção mais baixa, procura fraca e vendas de exportação em queda poderá pressionar as margens e levar as empresas a rever as suas compras, existências e planos comerciais. A pressão é especialmente intensa para os produtores e comerciantes de vinho, mas pode também afetar distribuidores e retalhistas cujos portefólios dependem de vendas regulares de vinhos engarrafados premium e espumantes.

Os dados comerciais evidenciaram claramente a pressão. Entre setembro de 2025 e agosto de 2026, as exportações de vinho da UE para países terceiros totalizaram 15,4 mil milhões de euros, menos 6,8% em valor do que no período de 12 meses anterior, enquanto os volumes exportados caíram 3,3%, para 27,5 milhões de hectolitros, segundo a Copa-Cogeca.

A maioria das categorias de vinho registou quebras. As exportações de vinhos com denominação de origem protegida caíram 7,6%, as de vinhos varietais recuaram 6,7% e as de vinhos com indicação geográfica protegida diminuíram 4,9%. Os vinhos sem indicação geográfica foram a única categoria importante a manter-se relativamente estável.

A evolução do comércio variou consoante o formato. O vinho a granel foi um dos poucos segmentos a crescer, com uma subida de 5%, e as exportações de vinho em bag-in-box aumentaram 3,4%. As exportações de vinho engarrafado caíram 7,5%, enquanto as de espumantes recuaram 6,2%, sinal de que os segmentos de maior valor não escaparam à quebra da procura internacional.

Entre os principais destinos de exportação, os envios para os Estados Unidos caíram 15,3%. As exportações para o Canadá diminuíram 11%, para a Suíça 9,2% e para o Reino Unido 3,9%. A Rússia e Hong Kong estiveram entre os poucos mercados a registar aumentos, de 17,5% e 10,9%, respetivamente.

O comércio intracomunitário também enfraqueceu. A Copa-Cogeca afirmou que o comércio de vinho entre países da UE caiu 9,8% em valor e 13,4% em volume, embora os valores unitários médios continuassem a subir. Isso sugere que os preços não estão a compensar totalmente a redução dos volumes, apesar de alguns produtos serem vendidos a preços mais elevados por unidade.

Luca Rigotti, presidente do Grupo de Trabalho para o Vinho da Copa-Cogeca, afirmou que as novas estimativas da vindima confirmam a dimensão das mudanças em curso no setor. Em declarações divulgadas juntamente com os números, Rigotti afirmou que os produtores europeus de vinho trabalham em condições cada vez mais difíceis, marcadas pela imprevisibilidade meteorológica, pelo aumento dos custos de produção associado a conflitos e tensões geopolíticas, pela queda estrutural do consumo de vinho e por novos obstáculos ao comércio e ao acesso aos mercados.

Rigotti afirmou que estas pressões afetam os produtores de toda a Europa, embora o setor continue a demonstrar resiliência e capacidade de adaptação. Acrescentou que a indústria terá de continuar a investir na inovação, na sustentabilidade e na promoção da qualidade, diversificando a oferta, procurando novos mercados e tentando

reconstruir laços mais fortes com os consumidores, em especial com as gerações mais jovens.

Os novos dados traçam um cenário difícil para um setor que continua a ser central para as economias rurais de muitas regiões da Europa. Com volumes de vindima mais baixos, uma procura mais fraca e exportações sob pressão em vários mercados-chave, os produtores entram na nova campanha com menos margem para absorver choques meteorológicos ou reveses comerciais.